



apresenta

Mostra
Sétima
Arte
Feminina:
**o cinema
de Adélia
Sampaio**

**24 de outubro a 05 de
novembro de 2023**
CAIXA Cultural Recife



apresenta

das
Museu das Mulheres

Mostra Sétima Arte Feminina: **o cinema de Adélia Sampaio**

24/10 a 5/11 de 2023
CAIXA Cultural Recife

da série Sétima Arte Feminina

Museu das Mulheres
museudasmulheres.com.br



instagram

Mostra Sétima Arte Feminina: o cinema de Adélia Sampaio

Ficha Técnica Mostra

Coordenação e Curadoria: Sissa Aneleh.

Coordenação Editorial: Sissa Aneleh.

Produção: Ana Brito e Marina Olivier.

Produção Recife: Gleyci Nascimento.

Designer Gráfica: Jainaíne Abrantes.

Editores de Vídeos e Motion: Estéfane Andrade.

Fotógrafa: Domar.

Vídeo divulgação: Navi's Produtora Aero-audiovisual

Intérprete de Libras: Janah PE, Tácia Ramos e equipe.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mostra sétima arte feminina [livro eletrônico] :
o cinema de Adélia Sampaio / [coordenação e
curadoria Sissa Aneleh. -- Brasília, DF :
Museu das Mulheres, 2023. -- (Série sétima
arte feminina)
PDF

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-981709-0-5

1. Cineastas 2. Cinema brasileiro 3. Crítica
cinematográfica 4. Homenagem 5. Mulheres no cinema
I. Aneleh, Sissa. II. Série.

23-177945

CDD-791.4309

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres no cinema : História 791.4309

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Desde que foi criada, em 1861, a CAIXA sempre buscou ser realmente presente na vida de milhões de brasileiros. Para além de um banco inclusivo e atuante, busca fazer a diferença na vida de cada cidadão e conquistar de fato um novo Brasil.

A participação efetiva da CAIXA no desenvolvimento das nossas cidades, e sua presença na vida de cada cidadão deste país, consolida-se por meio de programas e projetos de financiamento da infraestrutura e do saneamento básico dos municípios brasileiros; da execução e administração de programas sociais do Governo Federal; da concessão de créditos a juros acessíveis a todos e do financiamento habitacional a toda a sociedade, além de vários outros programas de largo alcance social.

Atuar na promoção da cidadania e do desenvolvimento sustentável do País, como instituição financeira, agente de políticas públicas e parceira estratégica do Estado Brasileiro, é a missão desta empresa pública cuja história visita três séculos da vida brasileira.

Foi no transcurso desta vitoriosa existência que a CAIXA se aproximou do artista e da arte nacional. E vem, ao longo das últimas décadas, consolidando sua imagem de grande apoiadora da nossa cultura e detentora de uma importante rede de espaços culturais, que hoje impulsiona a vida cultural de sete capitais brasileiras, onde promove e fomenta a produção artística do país e contribui de maneira decisiva para a difusão e valorização da cultura brasileira.

A Mostra Sétima Arte Feminina: o cinema de Adélia Sampaio é uma importante homenagem em vida à primeira cineasta negra brasileira. Com este projeto, a CAIXA reafirma sua política cultural e sua vocação social e cumpre, desta forma, seu papel institucional de valorizar a arte e as culturas nacionais.

A mostra fica em cartaz de 24 de outubro a 05 de novembro de 2023 na CAIXA Cultural Recife, com programação presencial e virtual, completamente gratuita, oferecendo oficinas, curso, bate-papo e sessões de toda a filmografia autoral de Adélia Sampaio.

A CAIXA agradece sua participação e acredita, desta maneira, estar contribuindo para a renovação, ampliação democratização e fortalecimento das artes no Brasil, aumentando as oportunidades de desenvolvimento cultural do nosso povo.



SOBRE A SÉRIE DE MOSTRAS SÉTIMA ARTE FEMININA DO MUSEU DAS MULHERES

O projeto Mostra Sétima Arte Feminina é um projeto elaborado pela área de cinema do Museu das Mulheres que consiste em série de mostras individuais que homenageiam as mulheres pioneiras e protagonistas do cinema brasileiro. Iniciamos a mostra Sétima Arte Feminina: o cinema de Adélia Sampaio trazendo o pioneirismo feminino para homenagear a primeira cineasta negra brasileira com mais de 50 anos de carreira e que participou do movimento do Cinema Novo na década de 1960. A cineasta ainda destacou-se em atuações nas funções técnicas participando de outros filmes, assim acumulando vasta experiência profissional no cinema nas áreas de direção de produção, roteiro, continuidade, direção de arte, montagem e outras funções.

Adélia foi a primeira mulher negra brasileira a dirigir um longa-metragem e a fazer um roteiro vivendo em contexto histórico nacional no qual mulheres não eram reconhecidas em suas diversas áreas de atuação profissional. Para tanto, seguiu carreira avançando e produzindo filmes com temas tabus, como o amor lésbico abordado em seu longa-metragem de ficção Amor Maldito (1984), além de curtas com abordagens emblemáticas sobre justiça versus injustiça social, diferenças entre as classes sociais, mulheres protagonistas, livre sexualidade feminina, pessoas racializadas, cuidado com idosos, fim da vida, preconceitos sociais e observação aguda da vida cotidiana brasileira. Além de seu olhar de cineasta ampliado para outras linguagens artísticas: artes plásticas, literatura e teatro.

Nesta mostra de cinema apresentamos sua principal filmografia com diversidade de temas, narrativas e gêneros transitando entre o cinema documental e ficcional. Diante desse protagonismo feminino nossa cineasta homenageada não poupou esforços para reivindicar mais presença de negras e negros no cinema brasileiro enfrentando cenários políticos e sociais racistas durante toda sua carreira. Portanto, celebramos sua coragem como mulher negra e cineasta, adquirida pelo conselho de sua mãe que sempre lhe dizia: “Para cima do medo, coragem”.

Sissa Aneleh Batista de Assis

Diretora e Curadora Geral do Museu das Mulheres



Breve Biografia Adélia Sampaio (1944-)

Cineasta brasileira, mineira radicada no Rio de Janeiro, conheceu o cinema aos 13 anos de idade quando conduzida ao cinema pela irmã, a partir desse dia teve certeza que trabalharia na área cinematográfica. Na década de 1960, participa do movimento do Cinema Novo por dentro da cena e do set, seguindo o desenvolvimento de carreira e atuando nas áreas de produção, continuidade, câmera, diretora de arte, roteiro e montagem. Adélia chegou a ultrapassar 70 produções com sua participação profissional em filmes brasileiros.

Exímia conhecedora do cinema, tornou-se diretora de seus próprios filmes, afirmando-se no cinema ficcional contemporâneo com passagens pelo cinema documental. Consta em sua filmografia a Direção e o Roteiro dos curtas-metragens de ficção *Denúncia Vazia* (1979) e *Adulto não brinca* (1981); *Tetéia* (2020) seguido pelo curta documentário *Scliar* (1991) e outro curta ficcional *O Mundo de Dentro* (2012) e prepara mais um filme atualmente. Seu primeiro longa-metragem *Amor Maldito* foi lançado em 1984, sendo também o primeiro longa dirigido por uma mulher negra no Brasil.



Como Diretora de Produção de outros filmes, atuou no filme *"A Cartomante"* de Marcos Faria, *"O Seminarista"* de Geraldo Santos Pereira, *"O Coronel e o Lobisomem"* de Alcino Diniz, *"O Monstro de Santa Teresa e o Grande Palhaço"* de William Cobbett, *"Ele, Ela, Quem?"* de Lulu de Barros e *"Parceiros de Aventura"* de José Medeiros. Foi Diretora de Arte e Editora do filme *"AI-5 - o dia que não existiu"* (2004) de Paulo Markun.

Com tal vasto currículo no cinema brasileiro, o reconhecimento de sua trajetória veio por seus filmes autorais e pelas mãos do movimento negro feminino brasileiro.

PROTAGONISMO NEGRO FEMININO NO CINEMA BRASILEIRO: A OBRA DE ADÉLIA SAMPAIO

POR YASMINE EVARISTO

Produtora, montadora, câmera, continuísta... até alcançar a função de direção de um filme, Adélia Pereira Sampaio traçou um caminho de aprendizado em produtoras e sets de filmagem. Aos 40 anos, quando dirigiu seu primeiro longa-metragem, a cineasta já havia trabalhado em variadas funções, mas, até então, não existia para ela a oportunidade de assumir uma câmera, de imprimir seu olhar em uma realização.

Não apenas nos anos 1970, mas ao longo da história do cinema vemos o protagonismo sendo majoritário entre homens brancos. Temos fora da curva pessoas como a pioneira Alice Guy-Blaché, primeira cineasta a dirigir um filme com elenco totalmente composto por afrodescendentes. Setenta e dois anos separam o lançamento de *A Fool and His Money* (1912) e *Amor Maldito* (1984) e isso mostra o quanto o mercado de trabalho e da arte é opressor com as mulheres, ainda mais com mulheres negras latino-americanas.

Adélia, desde 1969, trabalhava na Difilm, distribuidora e co-produtora cinematográfica criada por jovens ligados ao Cinema Novo em 1965. Enquanto Glauber Rocha e Joaquim Pedro de Andrade produziam seus filmes, Adélia trabalhava como telefonista e, em paralelo, organizava cineclubes e atuava em set de filmagens em diversas funções de apoio. E seguiu em contato com nomes do Cinema Novo, ora por meio dos cineclubes, ora por meio da convivência cotidiana.

Mas foi em 1972, que a mineira fundou sua produtora sendo “responsável pela produção, pelo roteiro e/ou direção de mais de 70 filmes [...]” (pág. 176, Ferreira e Souza, 2017) e, desde então, solidifica a base do que Edileuza Penha de Souza denomina de “cinema negro no feminino”, um espaço de insubmissão às normas mirando a recriação dos espaços-territórios desmantelados pelo racismo e patriarcado, bem como resgatar a semente da coletividade a partir das relações com a ancestralidade e com as vivências das comunidades as quais as cineastas negras pertencem.

O broto da semente: o curta-metragem *Denúncia Vazia*

Antes de realizar a película que cunhou Sampaio como a primeira mulher negra cineasta a dirigir um longa-metragem, a diretora deu vida ao curta-metragem *Denúncia Vazia*. Neste filme, um casal de idosos (Catalina Bonakie e Rodolfo Arena) se

¹ Bacharel em Artes Plásticas (Escola Guignard - UEMG) e em Letras- Tecnologias da Edição (CEFET-MG). Pesquisa o cinema de gênero fantástico bem como a representação e representatividade de pessoas negras no cinema.

encontra diante de um problema financeiro: uma ação de despejo do apartamento em que moram. Com sensibilidade Adélia desenvolve, em pouco mais de sete minutos, os caminhos percorridos pelo par da terceira idade em busca de uma solução para sua mazela.

O suicídio em nossa sociedade ainda é um tabu. Mesmo com a ampla discussão dos últimos anos em torno do setembro amarelo, ainda existem muitas opiniões fundamentadas na moral religiosa que põe o suicida apenas no lugar de pecador. Se focarmos em atos e auto-extermínio nos extremos das faixas etárias, infância e terceira idade, o assunto fica talvez mais espinhoso e menos comentado.

Segundo artigo produzido por estudantes da Universidade do Piauí:

[...] podemos compreender o suicídio em idosos como resultante de fatores associados a atual, ou não, conjuntura psicossocial em que está implicado, mas com ênfase a acontecimentos recentes vivenciados como impulsionadores de crises suicidas, segundo Sérgio e Cavalcante (2013). A morte social, expressão utilizada por Sousa et al. (2014) revela uma dimensão social vivenciada por idosos representada pelo sentimento de incapacidade, acarretada por limitações físicas, psicológicas ou surgimento de doenças, o que ocorre é que o idoso se vê impedido de exercer sua profissão, no caso de desemprego e aposentadoria, ambos dependendo do contexto e social e cultural em que está inserido. [...] (SANTOS, et al, 2019)

Assim sendo, o curta de Adélia explicita a vulnerabilidade social como catalisador da tragédia vivida pelo casal. O fator somado a uma vida tediosa, à rotina em que as relações humanas com mais pessoas, além do par são restritas e, talvez provavelmente, os fatores biológicos que levam à degradação do corpo, são o combo para que a narrativa se finde com os vizinhos encontrando os corpos do casal jazendo em seu ambiente de interação preferido: a sala de TV.

A cineasta passou por algo semelhante aos personagens do filme. Um dia, recebeu uma denúncia vazia¹ e precisou se mudar com seus filhos para outro apartamento. Alguns dias depois o filho de Sampaio mostrou para ela uma matéria de jornal na qual se noticiava o suicídio de um casal de idosos. Esse foi, então, o ponto de partida para que Adélia realizasse seu primeiro curta-metragem, em 1979, um filme denúncia que busca trazer sensibilidade no olhar de amantes eternos que seguem junto, e nem a morte os separa.

¹ Nesta entrevista com a diretora ela relata como essa lei a afetou. A Lei 8245/91 (ajustada através da Lei 12.112/09) chamada também de Lei de Despejo, versa sobre o encerramento da locação de um imóvel. Se este despejo não tiver fundamentação, é considerada uma denúncia vazia. Entrevista com Adélia Sampaio disponível em < <https://tab.uol.com.br/edicao/adelia-sampaio/#page1>>. Acesso em: 18 set. 2023.

A infância em confronto com o sistema político vigente nos anos 1970

Em 1979, mesmo ano de *Denúncia Vazia*, Adélia dirigiu *Adulto Não Brinca*, curta no qual um grupo de crianças da periferia são abordadas por policiais após encontrar um corpo sendo velado em uma rua de terra.

Em 1979, o Brasil era governado pelo General Ernesto Geisel², seu governo foi marcado por algumas aberturas políticas com o declínio econômico, como a extinção do AI-5³. O Ato Institucional nº 5 foi abordado em 2001, pela diretora em parceria com o jornalista Paulo Markun, no documentário *AI-5 – O Dia que Não Existiu*. O documentário tem como objetivo apresentar ao público a crise política que precedeu o decreto do ato, reconstituindo a sessão da Câmara que aconteceu em 12 de dezembro de 1968. Assim sendo, a produção reencena a sessão entre os congressistas. Repleta de longos discursos, sendo alguns deles maçantes, o documentário se articula na tentativa de cobrir as lacunas provocadas pelo próprio AI-5 e sua censura. *O Dia que Não Existiu* cumpre a função de amálgama entre os fatos históricos registrados e suas partes propositalmente esquecidas.

Retomando a produção de *Adulto Não Brinca*, neste contexto histórico que nos predispõe a pensar que o filme descamba para uma sequência de interrogatórios entrecortados por violências gráficas, ou não, sobre aqueles corpos inocentes. A partir disso, presenciamos diálogos rudes da parte da força militar contra o pueril deboche de quem prega uma peça.

O suspense e a angústia de pensar no pior congela o espectador até o momento que Sampaio propõe uma virada: o corpo na verdade é um boneco de Judas que as crianças estão montando para malhar no Sábado de Aleluia. Ao fim, apesar do susto inicial somos agraciados com a generosidade da cineasta ao oferecer para aquelas crianças que vivem à margem da sociedade um final esperançoso.

Podemos pensar no quanto a escolha de Sampaio em fazer esse desvio na finalização de seu curta humaniza as crianças negras, pardas e até mesmo as brancas, das classes sociais mais baixas. Se fizermos um recorte quanto à representação das crianças racializadas na obra é como se ela dialogasse com Saidiya Hartman, e a maternidade do termo afropessimismo⁴, pois apesar do curta ser generoso com o

²Geisel governou o país até 14 de março de 1979, em seguida o cargo foi assumido por João Baptista de Oliveira Figueiredo, último presidente da ditadura militar do Brasil.

³O Ato Institucional Número Cinco (AI-5) foi o quinto de dezessete grandes decretos, emitido pelo presidente Artur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968. Sendo o mais rígido de todos os Atos Institucionais, foi o responsável pela institucionalização da tortura durante a ditadura militar.

⁴O livro *Afropessimismo*, de Frank B. Wilderson III foi lançado simultaneamente no Brasil e nos Estados Unidos, em 2021. O termo que dá título ao livro discute a não humanidade da população negra ao longo da história pós tráfico negreiro e escravização. Apesar da palavra ser constantemente associada ao autor, ele mesmo admite que desenvolveu seu pensamento a partir das orientações de Saidiya Hartman, a verdadeira “mãe” do pensamento afropessimista.

desfecho de suas personagens, no mundo fora da ficção a população negra continua sendo tratada de forma não-humanizada.

Enquanto as crianças de *Adulto Não Brinca* se divertem malhando o boneco e sorriem para a câmera com suas “caras lambidas”⁵, a população jovem negra continua sendo dizimada pela violência. Segundo a jornalista Bruna Ribeiro,

“[...] De acordo com o Atlas da Violência 2021, a intensa concentração de um viés racial entre as mortes violentas ocorridas no Brasil não constituiu uma novidade ou mesmo um fenômeno recente. Pelo menos desde a década de 1980, quando as taxas de homicídios começam a crescer no país, vê-se também crescer os homicídios entre a população negra, especialmente na sua parcela mais jovem.” (RIBEIRO, 2023)

O título do curta-metragem não deixa dúvidas de que adultos perdem a inocência da infância e não brincam (da forma lúdica), ao mesmo tempo que alguns destes não brincam em serviço e cumprem sua função designada desde a chegada da Família Real Portuguesa⁶ em 1808, para prover a segurança dos abastados e controlar corpos negros.

A representação de corpos femininos insubmissos

O primeiro longa da diretora narra uma trama de amor entre duas mulheres, podendo ser lido como mais um dos seus muitos atos de coragem. Coragem, pois, uma mulher negra, filha de empregada doméstica, chegar ao posto de direção é, para alguns, muita ousadia. *Amor Maldito* é também o primeiro filme brasileiro a tratar abertamente um romance sáfico, sem estereótipos, representando o relacionamento afetivo entre mulheres de forma íntegra.

E Sampaio, como disse em entrevista para o portal Catarinas (SAMPAIO, 2021) é “[...] uma negra assumida, uma cineasta assumida, uma mãe assumida, uma avó assumida e vou por aí me assumindo em todos os sentidos. A mulher tem que se assumir”, potencializa sua insubmissão às normas sociais racistas e sexistas que a colocariam em outros lugares de protagonismo ou exclusão.

Amor Maldito não se esquiva, mostra a vida amorosa de Sueli (Wilma Dias) e Fernanda (Monique Lafond) em seu todo, com suas rotinas, intimidades, momentos

⁵No popular, expressão atrevida, audaciosa.

⁶ Divisão Militar da Guarda Real de Polícia do Rio de Janeiro: “A Guarda Real, desde sua criação, vinha cumprindo bem essa tarefa em incursões aos morros das cercanias da cidade, sob o comando do famoso major Vidi-gal. A partir, então, dos anos de 1820 na cidade do Rio de Janeiro, a tarefa de controle dos escravos fugidos ou desordeiros seria transferida exclusivamente aos soldados da Divisão Militar da Guarda Real, sendo essa a sua principal tarefa no período.” (2016, 2020) Disponível em <<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/313-divisao-militar-da-guarda-real-da-policia-1822-1831>>. Acesso em: 19 set. 2023.

felizes e momentos tristes, ainda que tenha sido vendido na época como filme erótico⁷. Em contraponto a vida do casal, acompanhamos o julgamento de Fernanda que é acusada de matar Sueli. Entretanto, logo no início do filme somos apresentados à verdade: Sueli se jogou do prédio após sofrer uma série de situações turbulentas em sua vida.

Não há juízo de valor no olhar de Adélia sobre a vida e a morte que atravessa a relação das mulheres. Há na verdade um direcionamento para que questionemos como terceiros influenciam nossas vidas. O que mata Sueli não foi a relação terminada dela com Fernanda, pois no decorrer da história descobrimos que ela estava distante de sua ex-namorada. O que a mata são os anos de abusos do pai, os julgamentos da sociedade acerca de sua livre sexualidade, o abandono do amante pai de família, a falta de rede de apoio ao engravidar, os medos envolvendo a maternidade solo e sua luta no meio profissional. Não é a toa que o filme foi chamado por alguns críticos da época de feminista (BIJOTTI, 2022).

Tão relevante quanto *Amor Maldito* a lançar a representação de corpos femininos um olhar gentil, cito outro curta-metragem da diretora, lançado em 2017, *O Mundo de Dentro* no qual se apresenta um monólogo em que a personagem de Stella Miranda dialoga com seu reflexo em dois espelhos, enquanto se prepara em um camarim. O texto falado pela mulher remete às dores do passado de alguém que viveu os anos da ditadura militar e pinta uma imagem niilista do futuro.

A imagem da mulher que se maquia é entrecortada por imagens de arquivo que sobrepostas a ela intensificam a desilusão e as dificuldades enfrentadas, dificuldades estas que fazem parte da trajetória da própria Adélia. (Id, 2022). Ao fim do curta, gradativamente, a diretora aponta a instabilidade da personagem. A mulher repete incessantemente uma mesma frase, confronta sua imagem nos espelhos até ser abordada por uma médica. Entendemos então que essa mulher está internada em uma clínica psiquiátrica, vítima do adoecimento provocado pela memória do golpe de 1964, que mostrou seus rastros em 2016, “um período que foi decisivo não apenas para sua vida pessoal e profissional, mas para o cinema brasileiro e sua história (...)” (Id, 2022).

⁷ Com o objetivo de distribuir o filme em salas de cinema, Adélia e a equipe de produção de *Amor Maldito* aceitou que ele fosse disfarçado de filme pornográfico em sua divulgação, atraindo assim o público ao cinema.

Quem não sonha, não vive

A semente do sonho de ser cineasta, plantada no coração de menina ao assistir *Ivan, o Terrível*, de Sergei Eisenstein, não apenas brotou como floresceu. Trinta e nove anos após *Amor Maldito* ser lançado, estamos aqui discutindo não apenas seu primeiro longa metragem, mas toda sua produção enquanto realizadora.

Foram muitas as atribulações sofridas por Adélia. Sua infância marcada pela pobreza, o distanciamento de sua mãe, o trabalho exploratório, as escolas punitivistas, o mercado de trabalho que não dava oportunidades para mulher negra e pobre. Mesmo após sua reconhecida importância para o cinema brasileiro, devemos refletir sobre episódios como o sumiço de negativos de seus filmes que se perderam para sempre, ou mesmo os anos que passaram entre sua primeira produção em longa metragem e o hiato do esquecimento da existência da realizadora apresentando seu esquecimento.

O apagamento de certos corpos e (r)existências não é algo ao acaso. Por meio desse texto cumpro meu objetivo de exaltar a existência de Adélia Sampaio ainda em vida. Não podemos deixar para depois a oportunidade de agradecer às pessoas como ela por compartilhar conosco sua sabedoria. Uno-me a quem lê esse texto para manifestar admiração e respeito por uma cineasta relevante para a produção audiovisual brasileira.

Celebrar Adélia Sampaio é celebrar Jéssica Queiroz, Léa Garcia, Lílian Solá Santiago, Ruth de Souza, Sabrina Fidalgo, Viviane Ferreira, Yasmin Thayná e outras mulheres negras que estiveram, estão e estarão realizando, produzindo, pesquisando e escrevendo sobre cinema em nosso país.

Referências

AGUIYRRE, Cláudia. **Adélia Sampaio e o pioneirismo cinematográfico de Amor Maldito**. Portal Catarinas, 2021. Disponível em: <<https://catarinas.info/Adélia-sampaio-e-o-pioneirismo-cinematografico-de-amor-maldito/>>. Acesso em 05 set. 2023

BIJOTTI, Catarina Silva. **A trajetória de Adélia Sampaio no cinema brasileiro (1984-2017): críticas à sociedade conservadora**. Epígrafe, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 122-151, 2022. DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v11i1p122-151. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/190638>>. Acesso em: 15 set. 2023.

FERREIRA, Ceíça; SOUZA, Edileuza Penha de. Formas de Visibilidade e (re)existência no cinema de mulheres negras. In HOLANDA, K.; TEDESCO, M. C. (org)_____ **Feminino e plural: Mulheres no cinema brasileiro**. Campinas, SP: Papirus, 2017.

OLIVEIRA, Janaína. Por um cinema negro e feminino. In LUSVARGHI, L.; SILVA, C. V._____ **Mulheres atrás das câmeras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

RIBEIRO, Bruna. **O que é genocídio da juventude negra?** Disponível em <<https://www.estadao.com.br/emails/bruna-ribeiro/o-que-e-genocidio-da-juventude-negra/#:~:text=O%20genoc%C3%ADdio%20da%20juventude%20negra,ou%20mesmo%20um%20fen%C3%B4meno%20recente.>> Acesso em: 15 set. 2023.

SANTOS, Erick Daniel Gomes de Melo; et. al. **Suicídio entre idosos no Brasil: uma revisão de literatura dos últimos 10 anos.** *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, vol. 9, núm. 1, pp. 180-195, 2019. Universidad de la República. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/4758/475859262013/html/>>. Acesso em: 18 set. 2023.







QUARENTA ANOS DE AMOR MALDITO – REPRESENTATIVIDADE E O DESEJO DE VIVER

Edileuza Penha de Souza¹

Primeiro filme lésbico de longa-metragem na América Latina, “Amor Maldito” (1984), argumento e direção da cineasta Adélia Sampaio, é também o primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher negra no Brasil. Fernanda (Monique Lafond) e Sueli (Wilma Dias) vivem um romance abrasador. A relação passa por altos e baixos e Sueli acaba se relacionando com um homem e engravida. Sem apoio da família, ela se suicida, mas as suspeitas de sua morte recaem sobre Fernanda.

Depois da minha tese de doutorado⁹ em que identifique Adélia Ferreira Sampaio como a primeira cineasta negra, muitos têm sido os trabalhos acadêmicos¹⁰ e homenagens a minha querida amiga Adélia. Alegro-me com a quantidade de trabalhos e análises do filme Amor Maldito, do quanto essa nova geração reconhece a importância do cinema de Adélia e do quanto o seu primeiro longa representa a nossa vontade de viver e fazer cinema.

⁸ Doutora em Educação e pós-doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Desde 2006, desenvolve pesquisas na área de cinema, com ênfase no Cinema Negro. É idealizadora e organizadora da Mostra Competitiva de Cinema Negro – Adélia Sampaio.

⁹ **Cinema na panela de barro**: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade, 2013, UnB.

¹⁰ O trabalho de Clarissa Cé De Oliveira “**As trajetórias de Adélia Sampaio na história do cinema brasileiro**”, 2017, é um dentre os muitos produzidos sobre Adélia.

À beira de completar 80 anos, Adélia continua produzindo e Oxalá nos permita viver para assistirmos suas realizações. Então, tentando dar conta de falar sobre o filme “Amor Maldito”, trago uma abordagem sobre representatividade atual desse notável filme. E embora o filme gire em torno do julgamento de Fernanda, optei por não repetir aquilo que já foi escrito, inclusive por mim.

O filme inicia com Sueli, Miss Simpatia, apresentando seu bastão, distribuindo beijos e sorrisos ao público, ao mesmo tempo em que vamos conhecendo o elenco e a equipe principal do filme. Os créditos continuam e com passos firmes (quase uma corrida) Sueli, vestida com sua faixa (muito provavelmente seu único prêmio em vida), com determinação entra na casa de Fernanda, que dorme ao lado de uma mulher, e se joga da janela do quinto andar.

Estátuas, e cofres, e paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Hum, ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender”.

Enquanto agoniza, Sueli lembra dos momentos de glória. O síndico, bate forte na porta de Fernanda, ela, atende, vai até a janela e se desespera ao ver o corpo da mulher amada imóvel no chão. Fernanda chega até a calçada e retira a faixa de Sueli, como quem tenta manter consigo um símbolo da imponente majestade. Novamente no apartamento, busca freneticamente retirar o sangue da faixa e se vê incapaz.

Dorme agora
Hum, hum
É só o vento lá fora

Estudos apontam que “pessoas LGBTQIA+ têm seis vezes mais chance de suicídio”, e segundo matéria da jornalista Jaqueline Fernandes esse índice pode ser ainda maior quando essas pessoas convivem em ambientes hostis à sua sexualidade (Fernandes, 2021). Esse é o caso de Sueli, na ficção, e de inúmeros jovens, na vida real, em que vários fatores contribuem com a complexidade do tema, incluindo o estigma social, a discriminação, a falta de aceitação, o isolamento e o preconceito enfrentados por pessoas LGBTQIA+.

Sou uma gota d’água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não o entendem
Mas você não entende seus pais.

¹¹ A música **Pais e Filhos** do Legião Urbana, composta por Renato Russo, foi lançada em 1989, cinco anos após o lançamento do filme. Com a proximidade da temática do suicídio, inevitavelmente a canção poderia fazer parte da trilha sonora do filme.



No filme, a pregação do pastor e pai de Sueli (Emiliano Queiroz), um homem intolerante, incapaz de respeitar os desejos e sonhos de sua família, suas ideologias e atitudes ofensivas o fazem cegar perante a realidade. A intolerância e a violência são responsáveis pela morte de Sueli que em casa nunca teve um ambiente de aceitação, respeito e compreensão.

São os *flashbacks* que nos possibilitam entender a história entre Fernanda e Sueli. A primeira, uma mulher lésbica, independente e madura. A segunda bissexual, dependente de seus pais e imatura. Dois mundos, duas realidades, duas mulheres. Um filme que, como afirma o pesquisador Pedro Pepa Silva:

Creio que *Amor maldito*, com todos os seus problemas e limitações, merece ser reconhecido como um marco dentro do imaginário lésbico gestado pela produção audiovisual brasileira. Ainda que não aprofunde, por exemplo, a reflexão sobre a lesbofobia que sustenta seu conflito, o filme de Adélia Sampaio tem a seu favor o fato de ser um olhar feminino sobre uma relação homossexual entre duas mulheres. E, claro, a vantagem de não sucumbir ao artifício tão comum no cinema brasileiro de usar a relação lésbica como chamariz e objeto do desejo masculino (SILVA, 2014).

Fernanda conhece Sueli em seu trabalho, quando Sueli está ali para vender os bilhetes do Concurso de Miss. Após esse breve e marcante encontro é Sueli, recém-expulsa de casa, que encontra Fernanda na praia. Atraída pela beleza e juventude, Fernanda abriga Sueli em casa.

Quero colo
Vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo
Tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três



Numa cena de requintes e delicadezas, é no banho que fantasias e desejos trazem o erotismo como elemento natural à experiência humana. Tudo leva a crer que os pensamentos, imaginações e cenários pertençam à fantasia de Fernanda, que escova o cabelo enquanto Sueli se banha. No entanto, a cena que envolve situações eróticas, românticas e fantasias sexuais, também pode ser atributo a Sueli. Afinal, desejos e fantasias fazem parte da vida sexual das pessoas.

Ao lado de Fernanda, Sueli conhece um outro mundo de possibilidades. O contexto complexo entre Fernanda e Sueli determina a ficção e nos detalhes da narrativa fílmica que constrói a dinâmica de aproximação das personagens. A diretora cria uma atmosfera romântica em cenas no parque de diversões e no pedalinho, ao mesmo tempo que a presença inesperada da Amiga (Jalusa Barcellos) impõe um clima de tensão e suspense.

Como no cinema de ficção quase tudo é possível, Fernanda e Sueli passam por um período de namoro e conhecimento mais profundo. O relacionamento avança, mas onde deveria haver o aumento da intimidade emocional e física, há um distanciamento entre as duas traduzido na cerimônia de casamento, quase trinta anos antes do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) determinar aos cartórios de todo o país casamentos de pessoas do mesmo sexo. A celebração reúne família e amigos para testemunhar a união das duas. Mas o que deveria ser um clima afetivo e amoroso, acaba em pancadaria.

É notável que por ser o primeiro longa-metragem nacional a trazer à tona a questão da lesbianidade, haja também uma identificação notória dos atos de agressão, da discriminação, assédio e abusos, fazendo com que a violência assuma e se torne também uma linguagem fílmica. É a partir do momento que Fernanda se torna ré, acusada pela morte de sua companheira, acompanhamos como a violência vai se moldando em diferentes planos.

É preciso amar
As pessoas como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade, não há.

Combater a violência LGBTQIAPN+ é promover a igualdade de direitos e respeito para todas as pessoas, independentemente da sua orientação sexual. Direito que pode ser alcançado por meio da conscientização, da educação, do combate à discriminação e da promoção de leis e políticas inclusivas que protejam os direitos e a segurança das pessoas lésbicas e de outras dentro da comunidade LGBTQIAPN+.

É com essa combinação de direção que o filme conquista (ainda que tardiamente) um lugar de representatividade e diversidade no cinema brasileiro.

Amor Maldito não recebeu financiamento da Embrafilme, principal órgão público responsável pela produção e distribuição fílmica da época e se utilizou de fundos privados, assim como a grande maioria dos filmes nacionais que colocam em evidência o amor lésbico (RAPOSO, 2016, p. 33-34). A distribuição de Amor Maldito também foi prejudicada por conta da temática do filme. Os donos das salas de cinema se recusaram a exibir o filme de Sampaio, e a equipe foi forçada a enquadrá-lo como pornochanchada (DONINI, 2020, p. 150).

A presença de uma mulher negra dirigindo um filme é uma conquista notável para a diversidade no cinema. A representatividade importa porque permite que diferentes perspectivas e vozes sejam ouvidas e compartilhadas. Adélia Sampaio quebrou barreiras e abriu portas para outras cineastas mulheres e pessoas de origens diversas, inspirando uma nova geração de criadores a seguir seus sonhos no mundo do cinema.

Em *Amor Maldito*, Adélia Sampaio não tematiza as injustiças raciais. Mas vai exibir de modo respeitoso uma das relações mais subversivas da ordem patriarcal, expondo de maneira magistral vários aspectos de seu funcionamento, como o pacto masculino em defesa da supremacia masculina. Não pode haver dúvidas de que sua condição de mulher negra, duplamente penalizada numa sociedade que hierarquiza à exaustão toda e qualquer diferença, sensibilizou seu olhar (SILVA, 2021. p. 8).

"Amor Maldito" não é apenas um filme, mas também uma expressão cultural que aborda questões sociais e políticas importantes sobre a lesbofobia e suas consequências. Ao tratar de temáticas como identidade, gênero, orientação sexual e marginalização, o filme cria espaço para diálogos e reflexões significativas sobre esses assuntos na sociedade brasileira. A narrativa cinematográfica tem o poder de gerar empatia, compreensão e mudanças.

É neste contexto que Adélia Sampaio decide dar destaque ao amor entre duas mulheres, entre duas iguais. E ao fazê-lo, joga luz sobre diversas instituições patriarcais, como a família tradicional, a religião, o Judiciário, evidenciando o pacto masculino que unifica homens dos mais variados setores e campos de interesses na defesa do poder masculino. Suas rivalidades, portanto, tornam-se secundárias quando o que está em jogo é a supremacia masculina (SILVA, 2021. p. 7).

Quatro décadas após seu lançamento, "Amor Maldito" continuar como tema atual e urgente demonstra o impacto duradouro que o filme representa para a cultura e sociedade brasileiras; ressalta a importância do cinema como uma ferramenta para explorar e discutir questões profundas e complexas.

Trata-se de um filme emblemático de cenários autoritários, que leva para as telas o discurso falso-moralista, pois falacioso e reacionário do personagem/pai de Sueli, interpretado por Emiliano Queiroz. Ele era um pastor neopentecostal, que acusava Fernanda de "corromper moralmente" sua filha, Sueli, e condenava com veemência a lesbianidade. Contudo, o depoimento de uma testemunha evidencia seu perfil violento, que impedira Sueli de voltar para a casa da família, mesmo antes de terminar o romance com Fernanda e se encontrar grávida de um suposto jornalista que lhe prometia noivado, embora fosse casado e tivesse filhos. Tal testemunho revela ainda que o pastor/pai de Sueli tentava agenciá-la para a prostituição. Desse modo, o filme vai desvelando, por meio de relatos testemunhais, que a situação de desamparo familiar e de traição e abandono do noivo cafajeste e a gravidez constituíram os motivos efetivos que desesperançaram a personagem, ainda que Fernanda tenha lhe oferecido ajuda. Refuta, assim, a criminalização da relação lésbica (Cavalcante, 2022, p. 58).

O filme trata de questões relacionadas à identidade, gênero e orientação sexual, que são cruciais para compreender as experiências das pessoas LGBTQIAPN+ e de grupos historicamente marginalizados. O cinema pode desempenhar um papel vital ao dar visibilidade a essas questões e desafiar estereótipos prejudiciais.

O protagonismo de uma diretora negra tratando sobre o amor entre duas mulheres já existia em 1984. Porém, essa história é pouco conhecida dentro da memória do cinema brasileiro. O esquecimento dessas trajetórias profissionais dentro do campo cinematográfico interfere diretamente na descontinuidade do cinema negro e LGBTQIA+. A diretora Adélia Sampaio (Belo Horizonte, 1944) e seu filme "Amor Maldito" (1984) existem [...] (ABBÊS, 2022, p. 16).

A contribuição de "Amor Maldito" para a visibilidade e o reconhecimento de questões gênero, raça, classe e sexualidade não pode ser subestimada. O filme ajudou a ampliar a conversa sobre diversidade e inclusão, contribuindo para uma mudança cultural que tem impactos nas percepções e atitudes da sociedade em relação a essas questões. Ademais, nós mulheres negras realizadoras, devemos à cineasta Adélia Sampaio ser mos autoras de nossas próprias narrativas fílmicas.

Definitivamente, esse olhar diferencial da diretora para com experiência lésbica não estava em sintonia com um conjunto majoritário de obras produzidas e/ou distribuídas no Brasil nesse período. Por isso mesmo, sua trajetória comercial acabaria por esbarrar em outra instituição. Uma instituição que, entre outros objetivos, deveria preservar na categoria patológica a percepção da sociedade quanto a sexualidades não-normativas: a censura. Entre os anos de 1972 até 1988 foi criado um órgão de censura oficial da ditadura militar brasileira. A Divisão de Censura de Diversões Públicas era subordinada a um departamento da Polícia Federal do Ministério da Justiça. A principal função do DCDP era aprovar ou recusar, a partir de laudos, conteúdos audiovisuais e outros materiais. Para circulação de "Amor Maldito", Adélia Sampaio fez uma procuração solicitando a liberação do filme. Na sinopse enviada aos censores existe um eufemismo para descrever a relação entre Suelly e Fernanda como uma "grande amizade" (ABBÊS, 2022, p. 22).

Em outras palavras, "Amor Maldito" representa um marco importante na história do cinema brasileiro, no cinema realizado por mulheres e no cinema realizado por pessoas negras, isso sem contextualizar a representatividade, a diversidade e as discussões sociais e políticas. Adélia Sampaio é uma mulher negra que representa as minorias marginalizadas no cinema. Ela foi desbravadora nas questões sociais, política, gênero e sexualidade para a tela, desafiando estereótipos e abrindo caminho para narrativas mais diversas. O filme destaca a capacidade do Cinema Negro no Feminino de ser uma plataforma para a expressão artística e para promover debates significativos sobre as complexidades da identidade e da sociedade (FERREIRA & SOUZA, 2017).

Referências

ABBÊS, Helena de Melo. **A chancela imposta em “Amor maldito” e seus impactos sociais e na distribuição** (1984). Revista Escaleta, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n.1, dez 2022.

BONFA, Marcelo Augusto. MANFREDINI Jr., Renato. VILLA-LOBOS, Eduardo. **Pais e Filhos**. 1989, Rio de Janeiro, EMI. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DEwLqT669Do&ab_channel=Legi%C3%A3oUrbana-Topic

CAVALCANTE, Alcilene. A personagem lésbica no cinema brasileiro realizado por mulheres durante a ditadura civil-militar (1964-1985). **Mistral | Journal of Latin American Women's Intellectual & Cultural History**, University of Groningen, v. 2, n. 1, p. 50-62, 2022.

FERNANDES, Jaqueline. **Setembro Amarelo: pessoas LGBTQIA+ têm 6 vezes mais chance de suicídio**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/setembro-amarelo-pessoas-lgbtqia-tem-6-vezes-mais-chance-de-suicidio>. Acesso em 30 ago. 2023.

FERREIRA, Ceíça; SOUZA, E. Formas de visibilidade e (re)existência no cinema de mulheres negras. **Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro**, p. 175-186, 2017.

MARTINS, Renata (org.). **EMPODERADAS: narrativas incontidas do audiovisual Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Rettec Artes Gráficas e Editora, 2021. 369p.

SAMPAIO, Adélia. 1984. **Amor maldito**. 35mm, cor. 80 min

SILVA, Pedro Pepa. 2014. “Amor maldito. Trinta anos do filme lésbico brasileiro que pouca gente viu”. Revista Geni. <http://revistageni.org/08/amor-maldito/> Acesso em: 25 ago. 2023.

SILVA, Brisa Batista da. Amor maldito e Um dia com Jerusa: Uma Mirada Negra, Lésbica e Feminista. **Simpósio temático**, [s. l.], n. 43, p. 15, 2021.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Cinema na panela de barro: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade**. 2013. 204 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SOUZA, Edileuza Penha de. Mulheres negras na construção de um cinema negro no feminino. Aniki - Revista Portuguesa de imagem em movimento, v. 7, n. 1, 2020, p. 171-188. Disponível em: <https://aim.org.pt/ojs/index.php/revista/article/view/586>.













PROGRAMAÇÃO DE FILMES



DENÚNCIA VAZIA

Sinopse: Sem recursos para o aluguel de outro apartamento, um casal de idosos resolve se suicidar depois de receberem uma intimação de despejo.

Ficha Técnica:

Diretora e Roteirista: Adélia Sampaio.

Diálogos: Luciane Louzeiro.

Assistente Direção e Continuidade: Célia Maracajá.

Produção Executiva: Eliana Cobbett.

Assistente de Produção: Tatiana Cobbett e Paulo Henrique.

Fotografia de cena: Claudia Ferreira.

Assistente de Câmera: Toninho.

Fotografia: Paulo César Mauro.

Cenografia: Regis Monteiro.

Montagem: Antônio Silva.

Eletricista: Abel.

Maquiagem: Robinho.

Imagem: Líder.

Som: Nelson.

Elenco: Rodolfo Arena,
Catalina Bonaki, Alcione
Barreto, Ailton Assis e
Fernando Arruda.

País: Brasil.

Ano: 1979.

Duração: 8 minutos.

Gênero: Curta-metragem.

Classificação: 16 anos.





ADULTO NÃO BRINCA

Sinopse: A tradição da malhação do Judas num subúrbio. O boneco é colocado na rua como um cadáver e um bando de crianças se vê às voltas com as consequências dessa inovação.

Ficha Técnica:

Diretora e Roteirista: Adélia Sampaio e Luciane Louzeiro.

Direção de fotografia: Paulo César Mauro.

Produção Executiva: Claudia Ferreira, Luis Carlos Mascarenhas e Paulo Henrique.

Assistente de Direção: Denise Grimming.

Assistente de câmera: Toninho.

Continuidade: Célia Maracajá.

Fotos da cena: Cláudia Ferreira.

Cenografia: Régis Monteiro.

Eletricistas: Danilo e Geraldo.

Montagem: Eduardo Leone.

Elenco: Alan Cobbett,
Claudinei Penedo, Irving
São Paulo, Vladimir
Sampaio, José Louzeiro
e André Louzeiro

Som guia: Angela de
Almeida e Ilma Fontes.

País: Brasil.

Ano: 1981.

Duração: 8 minutos.

Gênero: Curta-metragem.

Classificação: Livre.





SCLIAR

Sinopse: Scliar, um pintor do mundo, mergulhado no tempo de seu silêncio. Tudo que o artista buscava trazer para a pele e o coração de sua pintura é a vibração interior de cada habitante do mundo. A vibração cromática não vem das tintas e sim da terra que colhe a cada lugar que visita. Scliar usava terra para dar cor às suas telas.

Ficha Técnica:

Diretora e Roteirista: Adélia Sampaio.

Direção de Fotografia:

Jefferson Silva.

Câmera: Bolinha.

Operador de VT: Flavinha.

Edição: Jordana Berg.

Assistência de Edição:

Marcia Paraíso.

Trilha sonora original e

piano: Wilson Nunes.

País: Brasil.

Ano: 1991.

Duração: 15 minutos.

Gênero: Documentário.

Classificação: Livre.





AMOR MALDITO

Sinopse: Duas mulheres, Fernanda, uma Executiva, e Sueli, uma ex-miss, se apaixonam e decidem morar juntas. Porém, Sueli se cansa do relacionamento amoroso que leva com Fernanda e envolve-se com um jornalista. A moça engravida do amante e ele a abandona. Em desespero, Sueli se atira da janela do apartamento de Fernanda que passa a ser acusada de homicídio.

Ficha Técnica:

Diretora: Adélia Sampaio.

Diretor de Fotografia: Paulo César Mauro.

Produção Executiva: Francisco Damásio, Adélia Sampaio e João Elias.

Roteirista: José Louzeiro.

Edição: Eduardo Leone.

Música: Antônio Perna Froes

Elenco: Monique Lafond, Emiliano Queiroz, Neuza Amaral, Wilma Dias, Tony Ferreira, Nildo. Parente, Maria Letícia, Júlia Miranda, Sérgio Ascoli, Marcos Vinícius, Antônio Moreno e Octacílio Coutinho.

Título original: Amor Maldito.

País: Brasil.

Ano: 1984.

Duração: 76 minutos.

Gênero: Longa-metragem.

Classificação: 18 anos.





O MUNDO DE DENTRO

Sinopse: “O Mundo de Dentro” aborda a geração dos anos 1960, especialmente o choque causado pelos casos de aids que começaram a surgir no período pós-ditadura no Brasil.

Ficha Técnica:

Diretora e Roteirista: Adélia Sampaio.

Diretor de Fotografia: Paulo César Mauro.

Direção de Produção: Beatriz Vieirah.

Operador de câmera: Rafael Pinheiro.

Editor e finalizador: Ismael Quadros.

Pós-Produção: Marcelo Caldas.

Som: Tomaz.

Camareira: Nieta.

Maquiagem: Gabi Back.

Elenco: Stella Miranda e Fê Linhares.

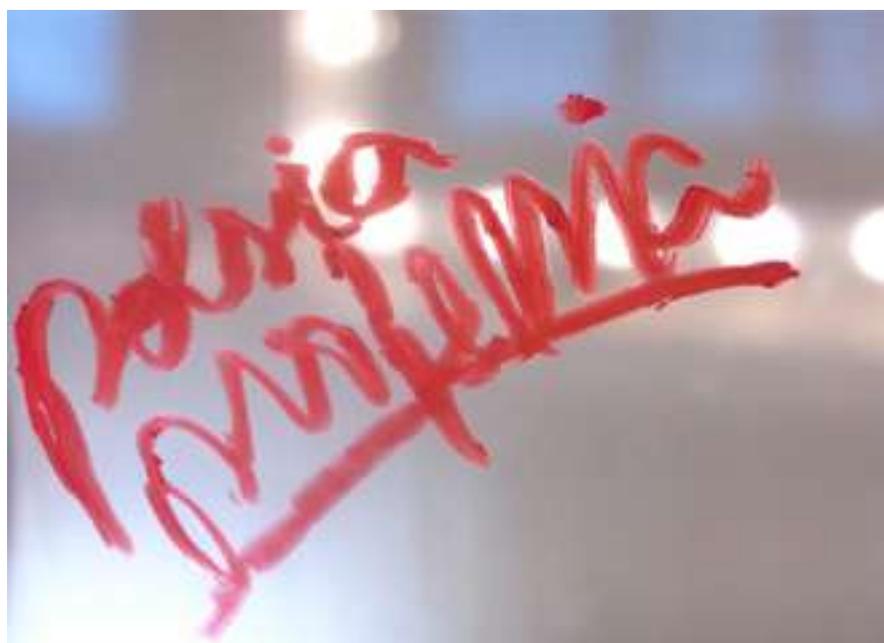
País: Brasil.

Ano: 2012.

Duração: 8 minutos.

Gênero: Curta-metragem.

Classificação: Livre.



PROGRAMAÇÃO PARALELA

24/10 – 19h

Live de Abertura com Diretora e Curadora Geral do Museu das Mulheres Sissa Aneleh.

Local: instagram
@museudasmulheres_oficial

27/10 – 18h às 21h

Sessão especial com o longa Amor Maldito + Conversa presencial com a cineasta Adélia Sampaio e cineastas convidadas Naya Lopes e Mariana Souza.

*Com Tradutora Intérprete de Libras.

28/10 – 16h30 às 18h30

Oficina presencial de Colagem: Mulheres no Cinema e Encontro com a Cineasta Adélia Sampaio.

Ministrante: Ana Brito.

Inscrições: pelo site da CAIXA Cultural Recife.

Local: sala.

30/10 – 18h30 às 21h40

Oficina virtual: Protagonismo Feminino no cinema brasileiro – a obra de Adélia Sampaio.

Ministrante: Yasmine Evaristo.

Inscrições: pelo site da CAIXA Cultural Recife.

Local: sala virtual.

03 a 05/11 – 16h às 18h

Curso virtual: Construção de personagens afirmativas numa perspectiva decolonial.

Ministrante: Lorena Montenegro.

Inscrições: pelo site da CAIXA Cultural Recife.

Local: sala virtual.

IMAGENS DE ARQUIVO



Wilma Dias e Monique Lafond em "Amor Maldito", no Olido I: alternativa à pornomania

Cinema/critica

Antologia de sexo com culpa

LEON CAKOFF

Critico de "Telha"

AMOR MALDITO - Nacional, 1984. Direcção de Adélia Sampaio. Com Monique Lafond, Wilma Dias, Estéfano Queiroz, Heuser Amaral. Olido I. 18 anos.

Um filme de estreia bem intencionado em meio a um mercado conturbado e desmantelado pela onda pornográfica — onda que nos chega atrasada como todas as outras — dá bem a ideia de fim de era. Não há espaço para boas intenções. O produto intermediário entre a obra-prima e a concessão aos apelos de erotismo também fica sem público, pois este deve estar bestificado após tantos anos de censura e sente-se enganado diante de um filme que não dá vazão à sua fantasia e perversões. Ao estrélar "Amor Maldito", da estreia de Adélia Sampaio, busca explicação para tanta bestialidade que cercou a positiva mensagem do sexo desmistificado, de consenso E. de quebra, oferece uma pequena antologia de sexo nos encastros de culpa.

O caso é policial, com roteiro do especialista José Louzeiro, e o sexo com culpa estraga uma felicidade homossexual que descamba para o sensacionalismo de um julgamento recheado por um arcaico e preconceituoso jargão jurídico. Monique Lafond e Wilma Dias fazem as lésbicas mal casadas. A primeira aparece como executiva e a segunda como suburbana traumatizada pelos desejos incestuosos de um pai messiânico e pela necessidade de expor publicamente um corpo bonito para projetar-se um nada. Ganha um concurso de miss e é expulsa de casa. Termina com o suicídio e sua amante vai a julgamento. São os homens que julgam com base numa descabida acusação de perversão.

A histeria não deixa de ser uma manifestação inversa ao desejo frustrado. Mas o julgamento do que os maneirismos da jurisprudência aqui chamam de "mulher assumida" peca pelo exagero. Mesmo que isso sirva para levantar preconceitos e detectar sintomas de liberalismo em rígidas regras morais, pois a ré é absolvida, a oportunidade escapa de investigar e registrar a origem de tanta loucu-

ra. Compreende-se até que isso possa acontecer por economia de recursos de um projeto sabotado na proporção das suas boas intenções. Ao mesmo tempo é bom ver que a crise provoca no cinema a opção pela cooperativa, que o teatro há muito experimenta. "Amor Maldito", mais do que um filme de Adélia Sampaio, a documentarista que chega ao primeiro longa-metragem, traduz o esforço de uma equipe.

Falta a solidariedade cooperativa de sensibilizar alguns segmentos de público, pois ele é sempre usado para justificar os desmandos e estragos que se cometem em seu nome. Vá lá que o público tenha faro para o sucesso, mas ninguém é obrigado a adivinhar o que se passa por trás de um produto obrigado a se vender de acordo com as regras sensacionalistas do momento. "Amor Maldito" é um raro oásis que não pode ser ignorado, resistindo num conjunto de salas (o nobre Olido de outrora agora dividido em três), que também insistem, cercadas pela pornomania do centro da cidade, em mostrar que cinema é um prazer formado por muitas ondas diferentes.

Amor Maldito encerra a mostra dos anos 80

○ homossexualismo feminino em uma história trágica

Uma mulher encerra, hoje a mostra Cinema Brasileiro em Debate II (Diretores Estreantes nos Anos 80): Adélia Sampaio. A diretora estará mostrando e debatendo seu longa de estreia, *Amor Maldito*, ao lado da atriz Maria Leticia (Cultura Inglesa, 20h50min).

O filme está em cartaz na Sala Badya Helou, em segunda semana, depois de temporada no Bristol. Adélia, mineira, 40 anos "bem vividos", é a simpatia em pessoa. De saída, admite que "para uma mulher tornar-se cineasta, tem que lutar dobrado". Afinal, "trata-se de uma profissão de elite e totalmente dominada pelos homens".

"No meu caso - constata sem rancor - tudo se agrava, pois não tenho respaldo especial, nem ascendência que me recomende. E, atada por cima, sou crioula".

Apesar da franqueza, Adélia confessa que não "é feminista, no sentido da militância radical". Preocupa-se, e muito, com a questão da mulher e por isto, em seu filme de estreia, escolheu tema polêmico - o homossexualismo feminino. Em *Amor Maldito*, Monique Lafond e Wilma Dias vivem relacionamento amoroso que termina em morte. Precisamente em suicídio. O fato ganha as páginas dos jornais sensacionalistas e traz a suspeição de assassinato. Uma das personagens vai parar num tribunal.

Para Adélia Sampaio, *Amor Maldito* não é um filme qualquer sobre o amor de duas lésbicas. É ela e muita mais, pois, com seriedade, tenta analisar o comportamento de um tribunal, ao julgar um caso de amor homossexual.

FESTIVAIS GAYS

O filme de Adélia foi convidado para o Lesbian Gay Festival, de San Francisco/EUA, mas não pôde ir, pois não contava com recursos para preparação de esta exposição em inglês. *Amor Maldito* foi produzido em processo independente e contou apenas 25 minutos de execução. Se a equipe tivesse à sua disposição recursos, Nessa Mostra, Nessa Pátria, teria lançado outro trabalho, além de



Adélia Sampaio, diretora de *Amor Maldito*

Monique Lafond e Wilma Dias, nos papéis principais, não tivessem acreditado no projeto, o filme custaria 30 milhões.

A relação de Adélia com a Embrafilme não foi possível. A empresa estatal alegou "não lhe convir participação em filme de temática centrada no lesbianismo". Por isto, no lugar de *Amor Maldito*, os americanos receberam, para o Lesbian Gay Festival, o filme *Asa Branca, Um Sonho Brasileiro*, de Djalma Batista Limongi, produzido pela Embra.

Para colocar seu filme no mercado, Adélia conseguiu distribuição da Ouro Filmes, empresa paulista responsável pelo abastecimento de salas vocacionadas para a pornochanchada. O filme fez três semanas em São Paulo e recebeu boa crítica de Leon Cakoff, organizador da Mostra Internacional de Cinema do MASP.

Adélia lamenta que muitos críticos tenham se omitido de comentar seu filme, sob a alegação de que não é um produto cultural no sentido restrito da palavra. Este preconceito a incomoda, na medida em que antes de estrear, por conta própria, no longa-metragem, ela dirigiu quatro curtas de reconhecido empenho temático: *Denúncia Vazia*, *Adul-*

to Não Brinca, *Agora Um Deus Dança em Mim...* e *Na Poetra das Ruas*.

No Rio de Janeiro, ela desempenhou diversos trabalhos como diretora de produção em filmes de Marcos Faria (*A Cartomante*), Geraldo Santos Pereira (*O Seminarista*), Alcino Diniz (*O Coronel e o Lobisomem*), William Cobbett (*O Monstro de Santa Teresa e O Grande Palhaço*), Lulu de Barros (*Ele, Ela Quem?*), Antônio Calmon (*Guerra da Lagosta*) e José Medeiros (*Parceiros da Aventura*).

Medeiros, aliás, grande amigo de Adélia, dispôs-se, para ajudá-la, a sair de sua posição de um dos mais respeitados fotógrafos do cinema nacional, para ser segundo câmera em *Amor Maldito*. A produção do filme foi, por estes aspectos, um verdadeiro mutirão. Além de bom elenco e equipe técnica, *Amor Maldito* tem música especial, criada por Perna Froes e roteiro do escritor José Louzeiro.

Em novembro próximo, transformado em vídeo, o filme de estreia de Adélia Sampaio estará nos EUA, no Festival Gay de Nova Iorque. Com simplicidade, a diretora confessa não saber se aproveita a passagem que recebeu, como convidada do Festival, ou manda, em seu lugar, uma das atrizes, que "fale inglês". Enquanto isto, permanece ora no Rio, ora em São Paulo acompanhando a carreira do filme ou dando assistência a seus "aborrecidos" (adolescentes aborrecidos). Ela ri e conta que é mãe de dois filhos - um de 19, outra de 18 anos - que lhe dão muita alegria e muito trabalho. E, sempre de olhos nos jornais, descobre grandes temas para seus filmes. Se tivesse recursos, faria um filme sobre o caso Dorinha Duval.

Seu sonho, porém, é recriar o romance *Barões da Candela*, de Ana Elisa Gregori, que fala da decadência de família tradicional, radicada numa Minas Gerais de acentuado caráter rural. "Preciso voltar a Minas, que é minha terra, e mergulhar naquele universo místico, alegórico, marcado por procissões, coroações e outros ritos religiosos".



**EQUIPE
FILME LULU
DE BARROS
ELE ELA
QUEM??**



**EQUIPE
PARCEIROS**

DENÚNCIA VAZIA

Direção: Adélia Sampaio

Com: Catalina Bonaki, Rodolfo Arena



PRESTIGIE O CURTA METRAGEM

Realização

Museu das Mulheres

Patrocínio

CAIXA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO